

MARXISMO E GÊNERO: ESTUDO INTRODUTÓRIO

Krigr de Camargo Barela Faeda (PIC/UEM), Marco Antonio de Oliveira Gomes (Orientador), e-mail: marco1964.ma@gmail.com

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Educação – Fundamentos da Educação

Palavras-chave: Marxismo; Gênero; Sociedade, Emancipação Humana.

Resumo:

Esse trabalho versa sobre um estudo, de caráter introdutório, referente à compreensão da relação entre a luta de classes e a luta pelo fim da opressão de um sexo sobre o outro na sociedade capitalista. Trata-se de um estudo bibliográfico, analisando obras marxianas e de alguns autores marxistas, que se propuseram a discutir as questões pertinentes ao sexo feminino e masculino, sem dissociá-las do antagonismo de classes fundado com a propriedade privada dos meios de produção. Realizadas as leituras, fichamentos, discussões e reflexões das obras e autores estudados, obtive como resultado a síntese apresentada no decorrer do texto que segue e o levantamento de um arcabouço teórico fundamental para a realização de pesquisas posteriores. A compreensão teórica fundamental adquirida por meio dessa pesquisa é que os problemas de opressão em relação aos sexos, masculino e feminino, apresentam seu advento histórico paralelamente à aparição da referida propriedade privada. Por isso, para aqueles que se opõem à opressão de um sexo pelo outro, é mister construir horizontes teóricos e práticos de superação dos múltiplos problemas derivados da exploração do homem pelo homem.

Introdução

Na contemporaneidade percebe-se um interesse crescente, dentro e fora das universidades, sobre as chamadas questões de gênero. As discussões que possuem como objeto gênero, em linhas gerais, perpassam a explicação de como se chegou ao homem e a mulher da contemporaneidade, além dos problemas relacionados aos dois sexos. Os problemas que envolvem o sexo masculino e feminino tomam certo corpo em meio às discussões, entretanto, entre as frentes que se colocam a discuti-los existem significativas divergências. Entre elas, entendo como a principal, a forma de se construir a superação das problemáticas de opressão e exploração de um gênero sobre o outro. Nesse sentido, há formulações teóricas que se enquadram em uma explicação descolada da realidade ou que deslocam arbitrariamente a mulher/o homem da sociedade em que estão inseridos.

Por isso, neste trabalho realizei uma análise das problemáticas pertinentes aos sexos, feminino e masculino, à luz da teoria marxiana e marxista. Estudei gênero abordando o sexo masculino e feminino no interior

do modo de produção capitalista. Assim, espero demarcar a necessidade de se estudar gênero, sem desassociá-lo da totalidade social dinâmica, em nosso período histórico, o capitalismo. Destarte, o objetivo desse trabalho é apontar a necessidade de uma discussão sobre as questões que permeiam o sexo feminino e o sexo masculino a partir de uma abordagem materialista histórica. Isso decorre do entendimento das relações inexoráveis de reciprocidade social entre os dois sexos no modo de organização da produção social e os desenvolvimentos posteriores dentro das contradições inerentes à sociedade dividida em classes antagônicas.

Materiais e métodos

Este trabalho se constitui em um constante exercício de abstração para compreender a estreita relação entre a opressão de gênero e a exploração do homem pelo homem dentro do sistema econômico capitalista, ou seja, um esforço em demonstrar de maneira aprofundada que a luta pelo fim da opressão de gênero é uma especificidade intrínseca à luta de classes. Por isso, busquei na história o advento de seu surgimento, o desenvolvimento, a dinâmica e a atualidade, baseado nos estudos críticos dos autores marxianos e dos estudos marxistas, tal como nos ensina Marx ao delinear o seu método de pesquisa e exposição em “*O Capital*”, ou seja, apreender a raiz das coisas.

Resultados e Discussão

Marx e Engels (1988) apontam que a história da humanidade, desde o advento da propriedade privada, é a história das lutas das classes antagônicas. O desenvolvimento humano ocorreu por meio desse movimento histórico das sociedades de classes antagônicas nessa relação entre exploradores e explorados. O capitalismo não é diferente, a burguesia emerge das ruínas do sistema econômico feudal, em um longo processo de mais de cinco séculos até tornar-se a classe dominante. O advento da exploração do homem pelo homem tem relação direta com a dominação de um sexo pelo outro. Os escritos de Marx e Engels nos apontam a sua raiz e lançam as bases para pensar e debater de forma qualificada as complexificações desse desajuste social que tem sua gênese na propriedade privada dos meios de produção, possibilitando entender que seu fim pode vir junto com o fim do que engendra esse desajuste.

Engels (2012) aponta que “o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino” (p.87). Desde o advento da propriedade privada as três principais formas de matrimônio que existiram na história da humanidade em cada estado, o estado selvagem e o matrimônio por grupos, o estado bárbaro e o matrimônio sindiásmico e o estado da civilização com a monogamia, expressam um desajuste da sociedade. Toda sociedade baseada no trabalho explorado engendra desajustes sociais e contradições, principalmente as que tocam no âmbito do sexo.

Com o desenvolvimento da humanidade, passando pela selvageria, o estado bárbaro, até o advento da civilização, o homem se tornou o possuidor dos meios de produção, dos escravos e dos rebanhos; deu um grande revés na mulher, com a extinção do direito materno e a criação do direito paterno; criou a família monogâmica e patriarcal; deu luz à propriedade privada dos meios de produção, enfim, criou um mundo, baseado na exploração do homem pelo homem. Até o presente momento histórico, o sexo masculino, em regra, predomina nessa exploração.

No capitalismo todas as contradições expressas nas formações econômico-sociais anteriores são elevadas ao máximo. A relação de produção explica a subordinação de determinado sexo (o feminino), porque ela estabeleceu uma secundarização no desenrolar do desenvolvimento social e de seu próprio desenvolvimento. Saffioti (1979, p. 30) nos aponta que em um dado momento histórico convencionou-se caracteres de sexo para “operarem como marcas sociais que permitem hierarquizar”. Essa marca atua de acordo com a necessidade do sistema produtivo, e possui um caráter extremamente metamórfico. A sociedade de classes mantém esses marcadores porque eles mantêm a estrutura de classes. A autora aponta ainda que o desenvolvimento social deu-se junto ao enraizamento dos costumes e tradições que chancelam a marginalização de alguns setores da população mundial, por meio dos marcadores como, por exemplo, raça e sexo. Em relação às questões e opressões de gênero o sistema capitalista acentua essa marginalização e utiliza da tradição para justificá-la.

Saffioti (1987) aponta a necessidade dessa sociedade em naturalizar o processo de deterioração da condição da vida da mulher com o intuito de manter a supremacia masculina. Para realizar essa sedimentação lança mão de teorias biologicistas como, por exemplo, a teoria do amor materno natural ou da inferioridade feminina. A ideologia dominante prega a existência a priori de uma natureza feminina e uma natureza masculina, além de chancelar a supremacia de um sexo sobre o outro, também permite que o trabalhador se conforme com a sua posição estabelecida naturalmente, de acordo com essas teorias. Isso apaga que o homem e a mulher da classe trabalhadora são sujeitos ativos que constroem a história.

A suposta supremacia de um sexo sobre o outro, a opressão, a dominação, a exploração, etc., funcionam como engrenagens que auxiliam no funcionamento dessa estrutura dinâmica – capitalismo. É fundamental o entendimento do caráter sistêmico e dialético das opressões e da exploração, partindo das categorias reais. Isso exige pensar as especificidades histórico-sociais de cada opressão, o seu caráter metamórfico, sua estreita relação com a exploração do homem pelo homem, sua intensificação ou suavização dependendo da organização da classe trabalhadora e os avanços históricos das lutas travadas.

Desde o surgimento da propriedade privada dos meios de produção e do estabelecimento da exploração do homem pelo homem como meio para produzir a vida, as opressões e outros desajustes sociais foram se apresentando na história. A burguesia aproveita ora sutil, ora descaradamente de todos estes, porque além de garantirem a continuidade

da sua dominação também conseguem, em alguns casos, extrair mais mais-valia dos oprimidos-explorados. Sem muito esforço a classe dominante potencializa ainda mais, por meios ideológicos, a fragmentação da classe trabalhadora decorrente da divisão social e técnica do trabalho e, assim, coloca entre a luta dos trabalhadores contra o sistema capitalista uma série de outras lutas. Para uma verdadeira emancipação humana, a classe trabalhadora terá que buscar a raiz de todas as problemáticas, ou seja, terá de lutar pelo fim da propriedade privada dos meios de produção e suas derivações de cada período histórico.

Conclusões

As opressões de todos os tipos precisam ser analisadas com seriedade e comprometimento quando a superação efetiva delas é objetivo, tal é o caso daquelas relacionadas e derivadas da supremacia do sexo masculino sobre o sexo feminino. Cabe aos que almejam construir a superação das diversas problemáticas desse sistema discutir e lutar contra o que as engendra. Como Marx e Engels (2011) apontaram, “o grau de emancipação feminina constitui a pauta natural da emancipação geral” (p. 219). É uma necessidade histórica a libertação para as mulheres da classe trabalhadora, assim como a libertação de todos os trabalhadores da exploração assalariada, por isso, cabe à classe trabalhadora construir uma transformação radical de todas as bases que sustentam o sistema que produz os desajustes sociais de toda natureza.

Agradecimentos

Ao Marco, ao Ademir e à Rosângela por mediarem a difícil tarefa de apreender a realidade em sua forma real. Agradeço também à UEM encarnada em seus trabalhadores e estudantes, especialmente aqueles que a constroem com seu suor e defendem-na com seu sangue.

Referências

LENIN, Vladimir Ilyich Ulianov. **Sobre a emancipação da mulher**. Tradução Maria Celeste Marcondes – São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 79ª ed. – São Paulo: Global, 1988.

_____. **A Sagrada Família, ou, A crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes**. Tradução, organização e notas de Marcelo Backes. – 1ª ed. São Paulo: Boitempo: 2011.

SAFIOTTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade**. Petrópolis, Vozes, 1979.

_____. **O poder do macho**. São Palo: Moderna, 1987.